

JOÃO VALE FERREIRA

PERTIS

I



.134.3-1Ferreira,
R

CARLOS BASTO 01



JOÃO VALE FERREIRA

Licenciado em
Humanidades Clássicas
pela Universidade Católica
Portuguesa.

Pós-Graduado em Direito
da Comunicação pela
Faculdade de Direito da
Universidade de Coimbra.

É professor do quadro de
nomeação definitiva do
Ensino Secundário com
"Estatuto de Formador
para Educadores de
Infância e Docentes dos
Ensinos Básico e
Secundário".

Tem exercido a actividade
docente no Ensino
Preparatório, Secundário e
Superior.

Tem apresentado
comunicações no âmbito
das suas especialidades.

Para a Biblioteca
Lem Amizade

2001.07.20

PERFIS

|

18124

EDIÇÃO DO AUTOR

JOÃO VALE FERREIRA

PERFIS

I

BARCELOS
JULHO DE 2001



Título: PERFIS

Autor: JOÃO VALE FERREIRA

Capa: CARLOS BASTO

Depósito legal: 168061/01

Execução gráfica: CIC – CENTRO DE IMPRESSÃO CORAZE

Oliveira de Azemeis

Data de saída: Julho de 2001

APRESENTAÇÃO

Dr. Lino Moreira da Silva*

Pedem-me “duas palavras” sobre este novo livro de Vale Ferreira - ao que eu acedo com o maior gosto, não só pela amizade que me liga à pessoa do Autor, como pelo apreço que não escondo pelo trabalho jornalístico e literário que ele tem realizado.

Este novo trabalho de Vale Ferreira tem por título genérico *PERFIS*. Trata-se de um título deveras esclarecedor acerca do conteúdo que encerra - um conteúdo *multifacetado*, onde estão representados, por vezes numa interacção difícil de destrinçar, o Poeta e o jornalista, o jornalista e o Poeta, e onde o Autor se coloca entre as emoções e a reportagem, o depoimento e o comentário, o conselho e a opinião, a crítica e a confiança...

Falar de *PERFIS* lembra de imediato um jogo *poliédrico* - traços rápidos delineados com o pincel das palavras... E o conteúdo deste novo livro de Vale Ferreira é isso mesmo: uma vastíssima área temática, plural, que é focalizada com grande profusão de perspectivas e de planos.

Mas o título não é o único elemento significativo de *PERFIS*. Também aquilo a que o Autor chama de *Pórtico* me parece ter sido uma boa escolha. Nele se encerra o que são as grandes linhas do livro - e não apenas deste livro, parece-me que as grandes linhas de todos os livros até hoje publicados pelo Autor.

Nesse *Pórtico*, gostaria de destacar dois aspectos que me parecem nucleares:

a) As preocupações com o quotidiano.

Trata-se de um quotidiano feito de *nadas* (os *nadas* feitos versos) - mas afinal não é de *nadas* que se compõe a vida? Só que esses *nadas* aparecem desorganizados, e a relevância da poesia está em re-organizá-los, pôr ordem nessa espécie de caos que é o mundo

interior e exterior tal como ele aparece ao Poeta.

Além disso, uma das grandes funções da poesia é *reparar* o que no quotidiano aparece *danificado* (como diz Seamus Heaney) e limpá-lo das suas imperfeições para que possa tornar-se duradouro.

A poesia é assumida pelo Poeta como a procura do *esplendor*, no sentido, aliás, daquilo que é, em muito boa parte, a 'verdade da poesia': procurar prender os nadas do quotidiano (passado e presente) com palavras, para que eles, fugazes que passam, se tornem palpáveis e seguros.

b) Uma orientação para *existência*.

Uma das ideias que subjazem a muitos dos textos de Vale Ferreira é que não se pode passar pela vida de modo indiferente. Impõe-se que se seja interventivo, que se desenvolva empenhamento pelas boas causas, ligadas aos valores humanos (vistos nas mais diversas perspectivas).

Relacionada com isso está a procura de um sentido para a vida, que o Poeta define, de sua parte, como uma *dádiva de sol*, feita com alegria, sem esmorecer, apesar das contrariedades que possam advir em cada momento que passa.

Numa palavra, o *Pórtico* de *PERFIS* aponta claramente a orientação e um dos objectivos centrais de todo o livro: encerra uma filosofia, um saber a que Vale Ferreira já nos habituou noutros dos seus trabalhos, e que tem vindo a refinar em cada novo trabalho que realiza.

Em suma, perante este novo livro de Vale Ferreira (onde mais que poesia e jornalismo, acontece... comunicação), poderemos, porventura, não nos identificarmos com todos os seus temas, mas recebemos dele, indubitavelmente, neste mundo apressado em que vivemos, uma importante e indispensável oportunidade para reflectir.

PÓRTICO

Os nadas foram versos de meus dias.
Fervilhei na existência, com amor,
Em dádiva de sol, sem ironias,
Na rota do Poema, do esplendor...

AUTENTICIDADE

Quando nasci,
Diz Torga,
«Vieram pombas e sol»
E «uma rapariga loira,
Num mirante»...

E, assim, fiquei,
Com o verso do rubi,
Numa dádiva, numa outorga,
Em dimensão de lume,
De escol,
Sem ciúme,
No perto e na lonjura vividoira...
Bem suave, bem vindoira...
Saltitaram poemas de ternura
E ventura,
Eivados de luar febricitante...

VERSO ESCONDIDO

Aqui, neste país, onde nasci,
Sinto a voz terna e rígida do vento.
Sou o verso escondido do poema,
Lavrado em tons de verde, em
movimento.

DESEJO

Meu verso
Não tem reverso!

Assenta na minha origem.
Não tem fuligem.

Corre os campos da minha aldeia,
As ruas da minha cidade!

Meu verso de sonho jovem
Tece sempre a lua cheia,
Por sobre o belo da idade.
Abrange o Cávado lindo
E o liceu, minha oficina,
Minha escola de Areópago,
Onde desbravo o finito
De um infinito horizonte.

Meu verso vai bem mais longe.
A fonte é profunda e séria.
Precisa só de firmeza,
Cheia de sol e granito,
De um povo forte que o oiça,
Que o repita, com nobreza!

Meu verso, livre de peias,
De hipocrisias inúteis,
Só quer sol de inspiração,
Canto de rota e luar.
Adora o mel das colmeias,
Rejeita palavras fúteis,
Teima na voz da união,
Num abraço de encantar...

ESPERA

Ando a gravar
No Sol
A Poesia...

Ando a cantar
O escol
Da energia...

Para quando, poeta, a epopeia,
A grandeza da seiva sossegada?
Para quando a meiguíssima colmeia
De ternuras sem par, de consoada?

VISÃO

Estou a ver-te a dormir,
Minha infância!
Estou a dar-te o carinho
Que não tive.

Mesmo em berço de menhir,
Sem fragrância,
Nesse passado sozinho,
Ela vive!

Sem brinquedos, sem contos de fadas,
Respira suavemente o poema...
Contemplo minha infância distante,
Como quem não resolve um teorema...

SEIVA

Meu verso crepita
Na chama maviosa do humanismo.
Fervilha a esperança
Num mundo atapetado de civismo.

Vou cegar a névoa
Que impede a linha recta da quimera!
Vou roer o longe
E semear a paz da Primavera!

ARTE

A fortuna de amar
E de cantar,
Este carisma
Sem sofisma
De procriar
Versos de chama , fé e claridade,
Provindos de uma espessa opacidade,
Hão-de um dia, como herança ,
Ser a ternura, a bonança,
Para os muitos que navegam,
Sem conforto,
A várias milhas do porto
Do festim e do poema.

O sol deste dar-se
Vai multiplicar-se
Nas hipófises certas do luar,
Ou nos gestos sagrados da honradez.

TERNURA

Hoje, trazia um verso pra te dar.
Era lindo, de azul encantador:
Gerado em honradez de sol nascente,
Crepitava na génese do Amor...

DISSONÂNCIA

São as mesmas palavras da infância,
Os mesmos argumentos de outrora,
A mesma indiferença em fragrância,
O mesmo caminhar desde a aurora!

É o sol sem poema de sonho!
A incerteza num verso fechado!
O futuro traído, medonho,
No cais-prisão, em farol mutilado!

Comedido, prossigo outra rota,
Num eterno cruzar de epopeia,
Atento, sem temer a derrota,
Levo a crença, a ternura, a candeia!

LAMENTO

Fiz sempre
A clareza do Poema

Subi,
Corri
A montanha da Cidade.
Vi ninhos,
Vi ventos,
Versos azuis, de alfazema.
Guardei
A honradez e a heroicidade.

Ceguei
A bruma da hipocrisia
Que forte, densa, batia,
Na longa via!
Calei
A palavra sem reflexo,
Sem passo
Para a certeza do nexos.

Enchi o almude
De sofrimento:
Dei saúde,
Com pujança de granito.

Aqui deixo este lamento
Na esquina do meu fadário,
Pra ser lido pelo vento
E por versos sem horário!

Aqui fica em magistério,
Não longe de uma candeia,
À 'spera do refrigério,
Da ternura em lua cheia!...

O DIA

Vou varejar meu ramo, neste dia!
Serei a voz activa do meu canto,
Pra cegar o silêncio da apatia
E prender no meu estro todo o espanto.

Na sede apaixonante de existência,
Quero a meiguice certa da lonjura,
Onde o ocaso jamais tenha eloquência!
Peço o somar dos anos, a fartura...

E o verso que inda falta redigir
Vou escrevê-lo em tarde sonhadora,
Num horizonte esbelto de porvir,
Em dádiva de azul, encantadora.

ECO

Fui ontem a voz passiva,
Em loucura – itinerário...
Fui ontem linha afectiva,
No pomar do abecedário.

Dei um nó na minha fala,
Para ouvir a imensidão,
Em versos de longa escala,
De carinho e devoção!

Em regalo embriagante,
Saboreei a amizade
Que brotava, palpitante,
Num fluir de humanidade.

Atapetaram de sonho
As vias da pulcritude.
Reuniram todo o risonho...
Fizeram a juventude.

Fui ontem a lua cheia,
O grito feito mimosa,
O horizonte da epopeia,
A limpidez venturosa.

No cais da certa *aventura*,
Sem granizo, sem espuma,
Senti a longa ternura
De uma distância sem bruma.

Cortei o nó da mudez,
Para ouvir a minha voz:
Um poema de honradez
É o passado e o após!...

Fui ontem a voz passiva,
Em loucura – itinerário.
Fui ontem linha afectiva,
No pomar do abecedário.

REGRESSO

Volto sempre, dia e noite,
À pureza das origens:
Treze árvores me saúdam,
Sem receio de fuligens!

Ah! largo da minha aldeia
Da minha estrábica infância!
Ah! vozes em melopeia
Do matagal em fragrância!

Diz a rã, diz o fraguedo:
Volta o homem do poema!
Embala, assim, o rochedo:
Regressa o sol do teorema!

Oiço a fonte das alminhas
Entoar o meu diário
E narrar às andorinhas
Todo o meu abecedário!

E o firmamento assevera,
Num verso de melodia:
Ele tece a primavera
No inverno de cada dia.

Depois, durmo no regaço
Dum nascente de poente,
Ao som do lindo compasso
Dum chilrear refulgente.

Volto sempre, dia e noite,
À pureza das origens:
Treze árvores me saúdam,
Sem receio de fuligens!

MIRADOURO

Do meu miradouro
Vejo
E revejo
As palavras
Que germinei
E lancei
Sobre a paisagem
De versos
Sem portagem,
Sem universos.

Plantara-as nas entranhas,
Como se fossem façanhas
Da sábia Grécia de Péricles
Ou da Florença dos Médicis.

Cresceram na minha hipófise.
Floriram em tom nascente,
Num porvir de apoteose,
Num silêncio transparente.

Enviei sua maquete
E o desenho do seu sonho
Aqueles a quem compete
Pulsar o País risonho:

Aos artistas da palavara,
Aos bons servos do poema,
Aquele que sempre lavra
O terreno do dilema.

Num globo de zumbido
E ressequido
Pelo acre,
Pela desventura,
Urge a palavra, a ternura...
Peregrino
Das longas caminhadas,
Teimo este destino:
Solidamente,
Tenazmente,
Busco e dou
A nascente do sol,
Do roseiral,
O suave entardecer
Do milénio,
A doçura sem igual,
Cheia de paz e oxigénio,
De um sorriso de criança...

O meu miradouro
É recanto venusto e fraterno,
Onde teço palavras de Eterno...

Do meu miradouro
Horizonto no vento o celeiro
De um verde remoçado e fagueiro...

SORRISO

O sorriso do teu olhar
Espalha o poema
De um pomar,
Onde se colhem frutos
De melodia.

O teu sorriso
Anavalha a ilusão da
madrugada
Sem roseiral,
Sem solar
De hospedaria,
Na montanha
De um infinito
estival...

O teu sorriso
É pétala doirada,
Nos cumes da grandeza
E natureza.
É sol de sensação
Que aquece o próprio granizo.

Musa,
A loucura dos poetas
Emerge em testemunhos de harmonia;
Sopra nas ondas do vento;
Zurze o sonho banal, a hipocrisia;
Tinge de verde overso do momento.

Musa,
Que o teu sorriso
Seja o agora,
A pureza,
A certeza,
Sem parlamentar aurora...

POEMA PRECISA-SE

Poeta,

Pinta de sol nascente a longa rota
Do verso magoado da ilusão.
Tece de sonho fagueiro o acre inverno.
Transmuta em melodia a perversão.

Amanhece o poema mavioso,
Nas margens poluídas do fadário.
Adormece o silêncio apodrecido
De um povo sem futuro... solitário.

Fustiga a tempestade desumana
Do insensível, do escuro, do malvado.
Pulsa um porvir venusto, alvinitente,
Na cidade, na aldeia e povoado.

SEMPRE ACTIVO

Redige, poeta!...
Refila , poeta!...

Não deixes de cantar todo o poema!
Fustiga o apodrecer da Primavera!
Violenta a nulidade do teorema!
Cega com o luar a longa espera!

Desassossega o inerte da ilusão,
Num concelho tão longo, tão fagueiro!
Não temas ensinar a sã razão
Aos ausentes do sol e do celeiro!

ALVORADA

Eu queria que amanhecesses.
Não vês a luz da transparência
Pelas frinchas alcandoradas
Na melodia da existência?

O sentir,
Muitas vezes,
Sem fluir,
Traz o medo
E a razão,
O degredo
E a ilusão,
A mudez
E a acidez.

Ressurge!
Sê o Lázaro
Do pós-túmulo!

Renasce
Para cúmulo
Da alvorada!

Passa além da portagem
Do inerte e ressequido!
Adormece a miragem!

Abre de par em par
As portas à quimera,
Ao poema e ao pomar,
À meiga Primavera.

Eu queria que amanhecesses.
Não vês a luz da transparência
Pelas frinchas alcandoradas
Na melodia da existência?

ACTIVIDADE

Sê, poeta, a estultícia da grandeza,
A marca da quimera e honradez!
Alicerça o poente na clareza!
Destrói toda a largura da acidez!

Anda comigo cantar
A noite da melodia!
Anda comigo brindar
À humana rebeldia!

Jamais queiras, ó poeta,
O silêncio apodrecido!
Antes a acta concreta
De um ensino destemido!

Sê, poeta, a estultícia da grandeza,
A marca da quimera e honradez!
Alicerça o poente na clareza!
Destrói toda a largura da acidez!

INTREPIDEZ

Enfrenta, poeta,
A mediocridade
Que se pavoneia
No horizonte sem quimera.

Dilacera
O cinzento
Onde geme
O poema.

Lavra, poeta,
A terra árida
Dos sonhos sem futuro de Canção.

MISTÉRIO

Perguntaste-me, um dia,
Num sol de fantasia,
Que lei segue o poeta,
Que pomar o inquieta...

Respondi, de mansinho,
Em tom de pergaminho:
O criador do verso
Sintetiza o universo
De excelso paradigma...
O seu guia? É enigma
Na vida do poeta!...
Não se atinge em
selecta...
Passa além do hemisfério
Do lógico: é mistério!

MINIATURA

É monstro quem não gosta de crianças,
Herodes quem não gosta de ternura.
É Nero quem despreza os inocentes.
É Poema quem ama a Formosura.

A riqueza mais meiga e sonhadora
Do perto e da distância do hemisfério
É fervilhar no peito a meninice,
Viver em Primavera, em refrigério.

Amanhecer em nós o que já fomos,
Germinar a pureza das origens:
Eis o verso a bramir a melodia,
Num vitral refulgente, sem fuligens.

Perdeu-se na lonjura a minha infância,
Escoou-se no tempo o ser menino...
Mas ver a miniatura desse outrora
Traz-me sons de nascente, de divino.

É monstro quem não gosta de crianças,
Herodes quem não gosta de ternura.
É Nero quem despreza os inocentes.
É Poema quem ama a Formosura.

PEDAGOGIA

Brincar, ser criança,
É o sol da ternura em movimento:
Germina melodias de bonança,
Destrói banalidades do momento.

O adulto é beleza,
Quando fustiga a falta de poema.
Por isso, sobe aos cumes da grandeza,
Se pula no areal do teorema.

Brincar, ser criança,
No perto e na lonjura da existência:
É lema a fervilhar a temperança,
No eterno amanhecer cheio de essência.

A MÃE DA MINHA TERRA

*(Na inauguração do monumento
ao Imaculado Coração de Maria
99.11.21)*

Lijó da minha Ternura,
Lijó da minha Canção,
Canta a Mãe da Formosura,
Sacrário da Redenção...

Ó Coração de Maria,
Ó Doce Mãe de Jesus,
És Beleza e Melodia,
Poema de eterna luz.

Aqui, no Souto Machado,
O Teu solar pequenino
É Patmos predestinado
Ao encontro do Divino.

Aqui, será santuário
Do mendigo e do faminto,
Do Novembro sem fadário,
Do cansaço em labirinto...

Este largo—encruzilhada
Da Carolina Vicenta
É verso da madrugada
Pra toda a alma sedenta...

É refúgio de epopeia,
Horizonte fraternal:
Aqui, mora a Melopeia,
O Modelo Maternal.

Ó Senhora de Lijó,
Tece a longa Primavera,
Nas vias do faraó,
No deserto e na quimera...
Amanhece, Mãe querida,
Lírios brancos, de pomar...
Cessa a rota dolorida
Do longe do verbo amar.

Hei-de ler-Te, Santa Mãe,
No fascínio do proscénio,
No vento que chega, além...
...No entardecer do milénio.

Hei-de amar-Te na alegria,
No granito da dureza,
No cinzento da arrelia,
No fastígio da grandeza.

Lijó da minha Ternura,
Lijó da minha Canção,
Canta a Mãe da Formosura,
Sacrário da Redenção

S. FRANCISCO DE ASSIS

Adoro, irmão Francisco, a melodia
Do teu canto
E a ternura profunda, alvinitente,
Da humildade,
Que longamente,
Constantemente,
Em dimensão de poeta,
Te elevaram
À heroicidade.

Para mim, irmão Francisco,
Dos maiores foste o segundo:
Tingiste o próprio trovisco
De um horizonte jucundo.

És poeta do fraterno,
Numa extensão de eufonia.
És a síntese do Eterno,
A essência da Poesia.

SANTO ANTÓNIO

António da grandeza do heroísmo!
António de canção de eternidade!
António do poema do humanismo!
António da ternura da Cidade...

Semeaste mil versos de esperança,
No letargo sombrio do fadário.
Embebeste de sol a temperança,
No fatal desdobrar do calendário.

Portugal germinou esta Epopeia,
No entardecer do século duodécimo.
Pádua sentiu-lhe a eloquência, a melopeia,
A linha do Evangelho, sem acréscimo...

Hei-de ler-te na névoa do horizonte,
Na quietude envolvente do luar...
Hei-de dar-te o louvor puro da fonte
Pelo Canto sublime, verde-mar!...

António da grandeza do heroísmo!
António de canção de eternidade!
António do poema do humanismo!
António da ternura da Cidade...

S. JOÃO BAPTISTA

«Entre os filhos nascidos da mulher»,
Foste, caro Baptista, o maior:
Do Messias o sábio Precursor;
Dos homens o modelo que se quer.

Pintaste de poema o sacrifício,
A cegueira de um mundo sem candeia:
Amanheceste o sol, a lua cheia;
Arrepiaste a noite, o duro vício...

No deserto erigiste a fortaleza
Da Verdade profética e da Chama.
Levaste até ao fim o Teu Programa,
Numa via sem sombras, com firmeza.

Vou pedir ao feliz João Baptista
Que ensine os governantes lusitanos
A serem firmes, justos, sem enganar,
Servos da Pátria eterna e pacifista.

JESUS EM 1999

Neste Natal,
A pobreza do nascimento de Jesus,
O tiritar de frio do Menino do presépio,
O abandono das autoridades de há dois mil anos
A falta de solidariedade para o Divino Infante de Belém...

...Eu vi-os estampados,
Marcados,
Dolorosamente, copiados,
Nos pobres, que visitámos,
Onde deixámos
Palavras de paz
E de bonança,
Porque possuímos fé
Num sempre moço ressurgir da Esperança.

FÁTIMA

Fátima!

O grito
Infinito
Nas encruzilhadas
Da epopeia!

Fátima!

O fogo que derrete densos gelos
De iniquidade!

Fátima!

O silêncio vestido numa prece!
A ternura e a quimera
Num poema.
A noite sem noite,
Em eterna Primavera,

Fátima!

Almas opacas querem agarrar
A imensidão do divino!

Fátima!

Uma Senhora que brilha
Nas almas bem sequiosas.
O fascínio, a maravilha,
Paz de sóis e de mimosas.

Fátima!

Vi o Natal em Agosto,
Vi os confins do Universo,
Vi o sonho sem imposto,
Certezas em cada rosto,
Uma ode em cada verso.

Fátima!

O abraço do terreno e do celeste!
O encontro com o Pai da Humanidade.
O dialogar do filho com a Mãe.
O sentir-se na rota da verdade.

CAMÕES

No alicerce do teu nascimento
Houve a dor, a ternura, a quimera:
Já sofreste no leito do sonho,
A potência do génio em tormento.

Foi amor o teu Canto, o Poema,
Foi luar tua vida em loucura
Foi grandeza o heroísmo, no império,
Num combate de belo e cultura!

Não te deram fastígio nem acta,
Nem o *justo* da tua epopeia:
Foram vis os *malandros* de então!
Esqueceram teu estro, a colmeia!

Para quando, senhores, a Homenagem
Ao Luís, ao fascínio em cristal?
Para quando mil versos de sol
Ao maior do lirismo imortal?

PAULINO

*À memória do Padre Paulino Santos,
pároco de S. Martinho de Galegos*

Na manhã da Canção,
Voaste ao eterno!

Cessou a Quimera
Da tarde
Do tempo!

E o barco sem rumo
Surgiu, de mansinho,
Na treva da história.
A órfã, chorosa,
Diluiu-se no fumo
Dos confins da glória!

Apagou-se o sorriso
Tão venusto e fagueiro
Que em teus lábios fulgia!
Transmutou-se este Maio,
Sem arrimo nem aio,
Em feroz letargia!

Declamaste o poema
Abraço fraterno,
No encontro do mundo

Vestiste o sublime da audácia,
Nos momentos
Cinzentos
Da montanha altaneira...

O ai da tua existência
Foi prece de sonho, d'aurora...
Tua vida assaz fugidia
Foi hino,
Suave e divino,
De uma longa aleluia...

CARLOS

À memória do Eng.º Carlos Martins

Na manhã do Poema
Rompeste o transitório:
Subiste, em diadema,
Ao Reino do incorpóreo.

Toldaste
De sonho
Risonho
Areais
E colinas!
Pulsaste
O medonho,
Em fragas rochosas
Viperinas!...

Declamaste, fraternal,
No palco do mundo,
Mil versos de quimera...

Percorreste o excelso da audácia,
Na hora ressequida,
Com a nobreza
E a grandeza
Da perspicácia...

A tua vida
Toda cheia de eufonia
E pedagogia,
É a virtude,
Suave e eterna
Que, em pulcritude,
Habita nas moradas refulgentes...

JUSTINO

*À memória do Padre Justino Moreira,
pároco de Forjães*

Feneceu o fascínio de Forjães!
Sumiu-se no horizonte a melodia!
O santo dos meninos e das mães
Escoou-se da Terra, em eufonia!

Num Novembro de breu, de desventura,
Deixaste o sol, a vila, este milénio!
Choraram as estradas; e a amargura
Tingiu de roxo a rota do oxigénio.

Morreu um Homem puro, uma colmeia –
– Justino da ternura, da honradez!
Cessou a voz do sonho, da Epopeia,
O abraço juvenil, a intrepidez!

Chorei na tua igreja, Bom Justino!
Senti, amargamente, a tua ausência!
O teu sorriso pleno de divino
Connosco ficará, em transcendência!

Hei-de ler-te na bruma do poente,
No crepitar de Abril, de santuário.
Hei-de lembrar-te estreme, refulgente,
Nas horas de canção ou de calvário.

Feneceu o fascínio de Forjães!
Sumiu-se no horizonte a melodia!
O santo dos meninos e das mães
Escoou-se da Terra, em eufonia!

LÍRIOS DE TIMOR

Feneceram os lírios de Timor!
Roubaram a epopeia da ternura!
E a grandeza de um povo sofredor
Escoou-se em amarga desventura!

Semearam o breu da covardia!
Erigiram a moda do extermínio!
E, em absurdo de tétrica ousadia,
Ergueram as cabeças do assassínio!

Vinte mil já morreram, inocentes,
Neste solo que foi bem português!
Trago no peito os gritos padecentes
De um povo argamassado em honradez!

PAIXÃO

Senhor,

Derramaram lágrimas de crocodilo,
Na estrábica loucura do tempo!

Permaneceram no cais
Do tempo vadio...

Sem Poema,
Sem Amor,
Urdiram a suprema apostasia!

Combateram o Tempo sem noite,
A pureza do Sonho no tempo!

As estradas do horizonte,
À passagem da Epopeia,
Alvorecem de amargura,
Na desonradez do tempo.

No mundo do Gólgota,
Perpassam rancores,
Escárnios felinos,
Burlas, covardias.

Senhor,

No cimo do Calvário,
Em momento derradeiro,
Crueldade e malvadez
Escoaram a Tua Vida!

Nem um ai, nem um queixume
Saíram do Teu Abril...

...Só o infinito perdão
Do Dono da Eternidade!

Cumpriu-se a História.
E o Proprietário do tempo,
Em tempo—síntese,
Redimiu as facturas dos milénios.

AULA PRIMEIRA

*Aos alunos de Grego,
do 12º.ano*

Amigos nove, serenos
E amenos,
Nas asas do viril
De anil,
Ostentam,
Em facécia,
A Grécia.
Desta louca aventura...

Subi à tribuna
Do fastígio da humildade:
E a verde fortuna
Emergiu, à puridade,
No orvalho do alvorecer.

Desdobraremos, ufanos,
Em heróicas calimeras,
Os suaves oceanos...

Comandaremos galeras,
Cheias de azul e luar,
Que hão-de, decerto, aportar
Ao romântico Pireu
Desse terno mar Egeu...

*Em 1992-93: João Cláudio, José Carlos,
Hugo, José António, Gameiro, Emídio e Vicente

PADRE ROSA

Conheci, Padre Rosa, o seu olhar
De limpidez, de sol e de ternura.
As suas mãos de dádiva e pomar
Eram bençãos de ardente formosura.

Nos seus setenta e nove, em oito dias,
Vi-o padre completo, bom pastor:
Sorriso divinal, sem ironias,
Poema transparente, protector.

Vi-o Evangelho, vi-o juventude,
Semeador de horizontes de humanismo,
A amanhecer o sonho, a pulcritude
Na rota de Jesus do dinamismo.

Num abraço do Minho, em melopeia,
Aqui, desdobro o verso da amizade:
Continue, na recta, da epopeia,
A ser a luz, o amor, a heroicidade.

DUARTE

Chegaste
No poema da Cidade!
Vieste
Na pureza da quimera!
Trazias
A marca da heroicidade
Num verso
De granito e Primavera!

Vincaste
As marés de outro Hemisfério,
Num passo de mimosa de ternura!
Cegaste
A cegueira da brandura
No fogo
Do teu som de magistério!

Eu quero, Bom Amigo, que a grandeza,
Que sempre te povoa o movimento,
Seja lida pla bruma da incerteza,
Plo longe em penedia, sem alento...

MÃE

Vou deixar, minha Mãe, no céu do tempo,
O belo que fervilha nas entranhas:
Será padrão de um grito mavioso,
Envolto em melopeias de façanhas.

Nos teus oitenta e um, vejo-te leda,
Cheia de sol, a amanhecer verdura:
Um anjo tutelar cheio de Abril,
Nascente de poema e de brandura!

Ofereço-te a seiva do meu verso,
Brotada do baú do sentimento:
É pomar de quietude e melodia,
No teu lindo Natal, em crescimento.

Que o Senhor da esperança e imensidão
Germine sempre, em ti, a Primavera:
Que a estrada do sublime e da ternura
Horizontem teu rumo de quimera.

Vou deixar, minha Mãe, no céu do tempo,
O belo que fervilha nas entranhas:
Será padrão de um grito mavioso,
Envolto em melopeias de façanhas.

O EGOÍSTA

O egoísta, feroz envernizado,
Sicófago do triste sicofanta,
Gémeo do sibarita enfatuado,
Habita na mansão do sacripanta.

NOTAS:

Sicófago: provém do grego *sykon*, figo, e *phagein*, comer. É o que se alimenta de figos; comedor de figos.

Sicofanta: dava-se este nome, em Atenas, aos denunciadores dos que, transgredindo a lei, exportavam figos da Ática. Denunciante.

Sibarita: do grego *sybarites* (latim *sybarita*). Significa efeminado, voluptuoso.

Sacripanta: (de *Sacripante*) é o nome de uma personagem do poeta italiano Luís Ariosto. Sacripanta significa pessoa desprezível; beato fingido.

O VAIDOSO

No horizonte do teu turigrinar,
Não há belo nem lume, nos demais!
Só tu és o poeta do boiçar,
Quase rei, que não vai além do cais.

Cinzelaste, meu caro, no granito
Do teu ser irritante, adormecido,
A teia de ilusões, o duro grito,
De uma vaidade tosca, de bramido.

A dor de cotovelo te acompanha,
No perto e nos distantes pertinentes;
A presunção feroz fez-te piranha
Pra devorar mil sonhos, com teus dentes.

Essa inveja de hipócrita loucura
Criou em ti a ideia psicopata
De tudo gravitar na embocadura
Dum certo **eu** em declínio de alpercata!

No horizonte do teu turigrinar,
Não há belo nem lume, nos demais!
Só tu és o poeta do boiçar,
Quase rei, que não vai além do cais.

O AVARENTO

Dinheiro, só dinheiro te povoa
Uma hipófise cheia de egoísmo.
Os demais nada contam prò somítico
Que tudo quer, sem dar, em histerismo!

Todos os dias, sente o acolhimento,
A dádiva – pomar da refeição.
Atranca o sol e a lua a receber:
Jamais reconheceu esta afeição!

Hei-de dizer ao ar da ventania,
E esculpir no granito da montanha,
O meu nítido **não** ao avarento,
Pra quem **comer os outros** é façanha!

BOICININGA

Foste a pseudoternura do sonho,
No arraial da existência em canção.
Sol brilhante fruiste em medonho
Desconcerto da tua ilusão!

Quantas vezes, tentámos boiçar
Esse inculto terreno – tão pobre!
Quantas vezes, quisemos mudar
Tua rota sem marca de nobre!

Em teus anos, dir-te-ei a verdade
Que pulula no centro do belo:
Teu veneno feroz jamais há-de
Destruir o Poema do anelo...

LONGE DA AMIZADE

Teu passo descompassado
Não desdobra primaveras.
Sofre a bruma do cinzento,
A sensação do tormento,
O deserto sem quimeras...

Falta-te a vida, o luar,
A garra feita de sóis...
Afivelaste a ternura,
Em castelo de loucura,
Muito longe dos heróis.

Embebeste no dinheiro
O horizonte da Canção...
Murchaste o sonho, o fadário...
Espremeste o abecedário...
Caíste na solidão...

E o verso risonho
Da grandeza da amizade
Não o cantas, não o vês...
Há em ti a palidez,
A lonjura e frialdade

OPÇÃO

Gostaria de acordar
As giestas da ternura
Por detrás do meu pomar.

Hei-de, um dia,
Em melodia,
Suspende
A neblina, o silêncio enfatuado,
A aparência, a hipocrisia...

Impedirei de singrar
A silva que só magoa,
O pardal que só destrói,
Os versos corroídos da ilusão;
A loucura de um sol entardecido,
O ocaso sem regresso, ressequido,
A lonjura, a inércia, a repulsão...

PORVIR

Quero cantar um Poema,
Onde não falte a ternura,
O som, o sol, o granito
E o fervilhar infinito
De seiva sem desventura...

Esse canto de mimosa
Dissipará a ilusão
Que, no meu abecedário,
Crepita em longo fadário,
Em versos de sedução...

HEI-DE DEIXAR..

Hei-de deixar,
Na curva do tempo,
Ou na outra margem do sonho,
Reflexos de mimosa,
Enfeitados de risonho...

Hei-de lutar
Pelo gesto sem mágoa,
Na profundidade da hipófise...

Hei-de escrever
No granito,
Fustigado,
Abençoado,
Por mil sóis, por um cântico infinito,
A ternura das giestas,
As vias,
As moradias,
Onde se esbatem as festas...

Hei-de deixar,
Na memória do poema,
Estes versos,
Feitos de universos
De um festim
Que gerei dentro de mim!...

O LATIM NA ASSEMBLEIA

A imprensa barcelense dedicou, na semana transacta, reportagem variada à Assembleia Municipal, de 26 de Fevereiro.

O mais interessante, porém, de tudo quanto li, foi, sem dúvida, o argumento em Latim de um senhor deputado.

«Nemo dat quod non habet»: eis o velho princípio da lógica, escolhido por Nunes de Oliveira, no calor da discussão. E traduziu, imediatamente: «Ninguém pode dar aquilo que não tem».

Pela primeira vez, – creio – entra na nossa Assembleia a língua dos grandes tribunos romanos. É, pois, uma data histórica.

Independentemente da oportunidade ou não da citação, que me recuso a julgar, congratulo-me apenas com a erudição latina de um representante do Povo. Os Barcelenses aguardam, por certo, que outros *latinistas* surjam, em futuras reuniões.

Que o exemplo de Barcelos seja imitado nas demais Assembleias do país... e, se possível, na da República!

(Março de 1993)

LATIM

Ai, o Latim!
Já o canto desde a aurora,
Por mais absurdo que seja.
Trago-o vivo no escaninho
Da minha alma benfazeja.

Ai, o Latim!
Amanhece na Assembleia.
Pulula no deputado,
Palpita na língua lusa...
...Mas tem ar de mutilado.

Ai, o Latim!
O Estado pouco o deseja.
É este o nosso fadário.
Porém, hei-de acalentá-lo
Nas ondas do calendário.

LUÍS VAZ OFERECE A EPOPEIA AO MONARCA PORTUGUÊS

*Em sessão solene, o Poeta acaba de oferecer
«Os Lusíadas» ao rei D. Sebastião.*

Vamos recordar um dos momentos mais solenes na vida de Luís Vaz de Camões.

Para além de outras figuras, estamos a ver
– um rei muito novo, chamado Sebastião;
– um homem de saber, mas muito humilde.

Estão atentos?! Um conselheiro do rei e «mestre de cerimónias» aproxima-se.

Antes de tomar a palavra, ouve-se *um* dos presentes a acusar:
- “O Luís é um homem da boémia e da briga nocturna”.

Outro, porém, defende: – Cuidado! O Luís tudo merece: perdeu os haveres, mas, a nado, salvou *Os Lusíadas*.

O *baixinho*, imberbe, mas quarentão, contesta: – Em 1552, foi para a Índia, como soldado. Chegou a Portugal, em 1569, extremamente pobre. Até Diogo do Couto revela que, em Moçambique, eram os amigos que lhe davam de comer.

Um homem esguio, de olhar arguto, que acabara de entrar, pausadamente, declara esta verdade irrefragável:

– O Luís foi provedor dos defuntos e ausentes de Macau. Foi amigo de extraordinárias personalidades deste país: Francisco Barreto, Governador de Goa; Constantino de Bragança e Francisco de Sousa Coutinho, vice-reis; Dr. Garcia da Orta e Diogo do Couto.

Entretanto, o homem do protocolo lê n’*Os Lusíadas*, por gentileza do Poeta, os versos referentes aos homens imortais: canto I, est. 2; canto I, est. 14; canto III, est. 118.

Camões: Homem imortal.

Por último, ecoa, em toda a sala, o tom grave e solene desta frase:

– Compareça o Senhor Luís Vaz de Camões!

O barbudo Luís, sem o olho direito, depois de lhe terem dado ordem para falar, dirige-se ao Rei, e vinca, encantadoramente, a oitava 154 do Canto X, da sua *Epopéia*:

«Mas eu que falo, humilde, *baxo, rudo*,
De vós não conhecido nem sonhado.
Da boca dos pequenos sei, contudo,
Que o louvor sai, às vezes, acabado.
Nem me falta, na vida, honesto estudo,
Com longa experiência misturado,
Nem engenho, que, aqui, vereis presente,
Cousas que, juntas, se acham raramente.»

Humildade, *honesto estudo*, experiência e talento *calaram* o jovem Rei.

É difícil, ainda hoje, encontrar alguém com estes predicados!
Esta sessão terá acontecido, à volta de 1571. Quatrocentos e trinta anos!

O Estado português, como recompensa, concedeu a Camões uma miserável tença trienal.

Um Homem de génio, que sempre amou e engrandeceu a Pátria, recebe da Pátria muito menos que outros que foram escrevendo *umas coisinhas* sobre o Reino.

Ontem, *como hoje*, os dirigentes medíocres não entendem a GRANDEZA.

O escritor brasileiro Afrânio Peixoto disse, um dia: «Dos prodígios que fez Portugal no Mundo, dois são os maiores: Camões e o Brasil».

DESCOBRIDORES

Iluminados! É a época dos iluminados! É a época das descobertas! É a época da construção de uma nova Epopeia!

À semelhança dos nautas de Quinhentos, os dirigentes educacionais de hoje terão, fatalmente, os seus nomes no pódio da História. Como os vindouros lhes hão-de agradecer...

Na actual equipa do Ministério da Educação, há gente que acaba de descobrir que, afinal, da ignorância se fazem doutores! E doutoras!

Essa gente ministerial ditou a lei: a partir de agora, todo o estudante luso passará de ano, mesmo que reprove a duas cadeiras! É aluno(a) de êxito!

Não se pede um ensino melhor, fascinante, de rigor. Solicita-se apenas um número elevado de estudantes a transitar... para a estatística.

Pode um aluno chumbar anos sem conta em Português ou Matemática...

É, segundo a nova lei ministerial, sabedor em Português ou Matemática... E não precisa de repetir...

Que chique!!

Oh, estultícia!

(Agosto de 2000)

O SECRETÁRIO DE ESTADO

Se eu fosse Secretário de Estado da Comunicação Social, não cometeria a insensibilidade de V. Ex.a ao querer destruir centenas de jornais locais e regionais.

A História dos autênticos filhos do povo, certamente, não perdoará a este Secretário da Imprensa que combate a Imprensa Regional.

Alicerçado num ver peregrino, o Dr. Arons de Carvalho em tudo nota "abuso", "escândalo", para suprimir, de vez, o porte pago, na totalidade.

É que, se o objectivo fosse combater a fraude ou o abuso na "expedição postal", naturalmente, o Governo não deveria atacar um erro com outro erro. Os infractores, ao serem fiscalizados, pagariam, por certo, os *crimes* que, porventura, cometessem. Os outros, os inocentes – muitos deles jamais lucraram, monetariamente, com o seu jornal – não merecem esta punição.

Mas, afinal, que País é este? Que governantes são estes? Querem acabar com a imprensa dos humildes, das aldeias sertanejas, das vilas, das cidades?

O Senhor Secretário de Estado não pensa, em consciência, que restringir, deste modo, o *porte pago* da Imprensa Regional ofende e viola os Direitos Fundamentais dos Portugueses?

O Dr. Arons de Carvalho, afinal, confunde o papel da Imprensa Regional Portuguesa com o papel das publicações "on-line"!...

Conhecerá V. Ex.a a pobreza, a miséria e o atraso de muitos locais o nosso País?

Conhecerá V. Ex.a os problemas com que se debatem muitos órgãos da imprensa regional?

Por que não entende estas coisas?!

Oiça as Associações da Imprensa Regional, Senhor Secretário de Estado.

Não fique só por Lisboa, Senhor Secretário de Estado. Venha observar, *in loco*, o país profundo.

(Novembro 2000)

FERNANDO SIMÕES

Em época de grande ostentação de riqueza por parte de muitos, é bom que se faça uma pausa para olhar, sentidamente, o reverso da medalha.

Fernando Simões, de Lijó, tem 67 anos e vive na mais extrema miséria. Uma barraca de dois metros quadrados é toda a sua habitação. Vinte e oito mil escudos constituem a sua reforma.

«Ali mora gente que tem carro e pensa no que vai comprar a seguir. Eu apenas pedi ao presidente da Junta uma cadeira de rodas e disseram-me que não havia dinheiro nas instituições de caridade» – disse, há dias, Fernando Simões ao *Jornal de Notícias*.

Fomos visitar o Sr. Fernando. Recebeu-nos com um sorriso franco. Ali, mesmo ao lado de uma conceituada empresa, mora um homem em penúria e com incapacidade de locomoção por causa de uma paralisia aos doze anos.

Fernando Simões sonha com a cadeira de rodas.

Vamos dar-lha? Ou outro meio de transporte? Vamos minorar a miséria de um homem resignado, que tem sempre um sorriso aberto?

(Setembro de 2000)

QUE MINISTÉRIO É ESTE?

A paixão pela Educação deveria ser concreta, prática, constante, pedagógica.

Por isso, o Ministério deveria ter o brio de convidar bons docentes para a feitura das suas provas nacionais.

Aqui e além, para nossa desdita, vai acontecendo o contrário.

É uma tristura! Há, no país, extraordinários pedagogos e grandes mestres da Língua Portuguesa. Os *iluminados* do Ministério da Educação não os encontram...

Não sei qual o critério desta equipa. O que causa dó, pela penúria educativa, ou melhor, deseducativa, é o excerto da prova de aferição de Português do 6.º ano, realizada, no passado dia 28, por estudantes de onze/doze anos.

Nesse texto, de Luísa Ducla Soares, enaltece-se a irresponsabilidade, o desprezo pelos pais e as fracas classificações em Matemática.

Os verdadeiros educadores e os competentes da língua lusa ficaram apreensivos. A ignorância e a incompetência, de mãos dadas, num exame do antigo segundo ano de liceu!

Claro, ao invés, os *sabedores do reino* e os de experiências pedagógicas frustrantes defenderam o indefensável! Influências, por certo, das banalidades do *Big Brother*, dos *Acorrentados* ou do *Bar da TV*.

O Ministério da Educação começa mal os exames. Deveria pautar os seus objectivos pela dignidade, pela aquisição dos valores, pela competência.

Gente a ganhar tanto dinheiro para fazer um teste que nos envergonha! Por que se entrega a condução do carro a quem não sabe?!

E o ministro não diz nada?!

Oh, estultícia!

Mas... que Ministério é este?!

(Maio de 2001)

PAIS SEM TEMPO

Na penúltima semana, aconteceu a interrupção das actividades lectivas, nas escolas.

Foi uma pausa importante para os alunos e docentes. E não só. Naturalmente, as reuniões intercalares, nesta altura, são necessáriíssimas.

Antigamente, nos seminários de Braga, não havia aulas, às quintas-feiras. E países europeus, como a França, faziam paragem, no tempo lectivo, a meio da semana.

Mas o pior é que, nessa semana de interrupção, os iluminados e os profetas deste País disseram *coisas*, muitas *coisas*, que já tínhamos ouvido. Não proferiram nada de novo.

E porquê? É que os pais não sabem resolver os problemas dos filhos, quando estes não têm aulas.

Sem disposição nem tempo para os aturarem, os progenitores sentem que os filhos se tornam um óbice à sua existência, às suas lides sociais e de emprego.

Muitos pais jamais tiveram o interesse de saber como o filho vai na educação e na aplicação, na escola!

Que lhes importa isso?! Só lhes interessa que os outros tomem conta deles!

Há pais que dificilmente dialogam. E o ensino dos valores e as brincadeiras com os filhos acabam por se transformarem em miragens!

Inúmeros filhos não conseguem ver os progenitores, desde a manhã até à hora do sono!

O pai e, sobretudo, a mãe fazem uma indesmentível falta aos seus meninos e meninas. A creche, o jardim de infância, a escola ajudam muito. Os pais, todavia, são imprescindíveis.

Filho português vai sofrendo...

Precisamos de pais autênticos, a prepararem, com tempo para os filhos, um futuro de dignidade, de responsabilidade e de alegria.

Torna-se urgente imperativo que os governantes raciocinem sobre esta prática vigente neste País.

Quando é que os pais portugueses terão tempo para os filhos?! Afinal, quem tem de preparar os mentores do amanhã?!

(Novembro de 2000)

PONTAPÉS

Vaidade das vaidades! Quando é que os nossos *iluminados* chamam nomes portugueses ao que é nosso?

Mas até terão razão! A falta de originalidade dos ditos levará a que *brother* não se possa escrever *irmão*.

É por essas e por outras que a Língua Lusa recebe tantos *pontapés!*...

Adiante! E por falar em *pontapés*...

O *pontapé* é o que está a dar!...

1-

Pontapé

Provém de *punctam* (ponta) e *pedem* (pé).

Significa, pois, pancada com a ponta do pé.

Foi um "mero" *pontapé* que içou a TVI, no dia 19, ao topo das audiências televisivas.

De resto, o programa "big brother" é outro *pontapé* em fracas audiências. Mas não se pense que seja um programa, ao menos, razoável.

É antes, um grande *pontapé* na intelectualidade e na cultura. Sem qualidade, as personagens entretêm-se com o banal, com a *big* falta de nível.

Só interessa o lucro das audiências, sem olhar a *pontapés* na dignidade, na privacidade e na inteligência.

Só o tempo dirá o grande *pontapé* que este pseudoprograma está a dar no bom senso, na naturalidade e no futuro.

2 -

E por falar em *pontapés*.

Por causa do *pontapé* de Pena, perde o Sporting...

Por causa dos *pontapés* de Carrilho (v. Diário de Notícias), o Nosso Primeiro sofre...

Por causa do *pontapé* de Portas no ex-Candidato a Belém, Basílio sai diminuído, sem glória...

Também nós, de quando em vez, recebemos cada *pontapé* de ingratidão!...

(Outubro de 2000)

INUMANO

Quando a privacidade é coarctada, e se abusa dos sentimentos de alguém ou de uma família, atingiu-se o limite de desumanidade e do descaramento.

Francamente! O arrojo da SIC, na semana pretérita, violou os Direitos Fundamentais!

Se não há mercado, em Portugal, para as televisões particulares, por que as quiseram?! Não precisamos de guerras nem de batalhas de audiências!

Para quê? Um *nojo*: telejornais, ao mesmo tempo; filmes ao mesmo tempo; telelixo ao mesmo tempo! E ainda mais esta!!... e o que, naturalmente, virá...

Não sabem organizar - está comprovado!

Percebem pouco de Ética e de Jornalismo - está comprovado!

Por causa de audiências, vale a bacoquice e o desvario! - está comprovado!

A deontologia, em Portugal, a atravessar o deserto...

Não importa o *prejuízo* do outro!...

É a facilidade, a banalidade, o que não presta...

Ao que o País chegou!...

Até o Jorge Gabriel, apresentador, o Ediberto Lima, produtor, e a Lili Caneças, comentadora, se emocionaram profundamente!

Os pais, certamente, não esperariam que da SIC viesse algum convento! Veio o *Bar da TV*! A ingenuidade transformou-se em revolta.

A filha, livremente, participa... e, sem reconhecer *qualquer falha*, sujeita os pais à vergonha nacional que a SIC gostou de promover...

Rangel está contra "este tipo de programas". Mas promove-os...! Ah! grande Pilatos!

A Sociedade Independente de Comunicação - SIC - , porém, é propriedade de um ex-Primeiro-Ministro!

Viram o bonito!...

Mas, meus Senhores, se a SIC ou outros canais não têm lei, deveriam, simplesmente, desistir de programações.

Não digo, já. Defendo, contudo, que, a permanecer na leviandade, a SIC deverá abandonar. A TV não foi criada para esta *sujeira*.

Não pode, neste País, continuar a praticar-se o gravíssimo atentado à privacidade das pessoas.

Há limites à liberdade de programação.

A *Lei da Televisão*, no artigo 21º, diz taxativamente:

1. Não é permitida qualquer emissão que viole os direitos, liberdades e garantias fundamentais, atente contra a dignidade da pessoa humana ou incite à prática de crimes.

2. As emissões susceptíveis de influir de modo negativo na formação da personalidade das crianças ou adolescentes ou de afectar outros públicos mais vulneráveis, designadamente pela exibição de imagens particularmente violentas ou chocantes, devem ser precedidas de advertência expressa, acompanhadas da difusão permanente de um identificativo apropriado e apenas ter lugar em horário subsequente às 22 horas.

ARTIGO 64º

CONTRA - ORDENAÇÕES

1. Constitui contra-ordenação, punível com coima:

b. De 2 000 000\$ a 20 000 000\$, a inobservância do disposto nos n.os 2 a 4 do artigo 21º(...)

c. De 7 500 000\$ a 50 000 000\$, a inobservância do disposto nos (...) nº1 dos artigos 16º e 21º(...)

2. Pelas contra-ordenações previstas no presente artigo responde o operador de televisão em cujo canal foi cometida a infracção.

ARTIGO 65º SANÇÕES ACESSÓRIAS

2. A inobservância do disposto no nº1 do artigo 21º, punida nos termos da alínea c) do nº1 do artigo anterior, pode ainda dar lugar à sanção acessória de suspensão das transmissões do canal onde se verificou a prática do ilícito por período não superior a dois meses ou, em caso de violação grave e reiterada, à revogação da respectiva licença ou autorização, excepto quando se trate de emissões publicitárias, a que se aplicarão as sanções acessórias e as medidas cautelares previstas no Código da Publicidade.

4. O disposto no nº2 é igualmente aplicável à mera distribuição por cabo de emissões alheias, nos termos estabelecidos pela Directiva do Conselho Europeu nº89/552, de 3 de Outubro.

5. O recurso contencioso da aplicação da sanção acessória prevista nos números anteriores tem efeito suspensivo até trânsito em julgado da respectiva decisão.

Artigo 66º Fiscalização e competência em matéria de contra-ordenações

2. Compete ao presidente do Instituto da Comunicação Social a aplicação das coimas e sanções acessórias previstas no presente diploma, com excepção das relativas à violação:

a. Dos artigos 11º, 15º, 21º, 22º e 49º a 58, que incumbe à Alta Autoridade para a Comunicação Social.

(Maio de 2001)

DANIEL E DEPUTADO ESCREVEM-SE COM DÊ MAIÚSCULO

Cheguei a esta verdade insofismável: muitos políticos e comentadores nacionais vêem o mundo ao avesso.

Daniel Campelo cumpriu o que prometera, quando foi convidado pelo PP: “fidelidade ao líder e ao eleitorado”.

Obviamente, — não sejamos ingénuos — os partidos queriam que o orçamento passasse. Era importante...

Foi bom que Campelo se abstinhasse.

Ajudará o Alto Minho carecido. Demonstrou reconhecimento, carinho e humanidade pelas gentes que nele votaram. O seu ideal, a sua coragem e a sua autenticidade democrática merecem a minha (nossa) ovação.

Enfim, lutou pela melhoria da sua região. E - frise-se, eloquentemente, — nenhuma benfeitoria pediu para ele.

Todos sabemos. Há deputados que apenas têm o nome de deputados. Muito obedientes ao chefe, lá recebem as centenas do seu *trabalho* e levantam a mão. Não dizem nada, a não ser, às vezes, conversar com o vizinho.

E defenderem os interesses das populações que os elegeram? E defenderem as terras portuguesas mais esquecidas, mais abandonadas?

Mas, afinal, a disciplina partidária é só para defender Lisboa? Votar na Assembleia é (quase) para continuar com o *tacho*?

Além do exemplo, o Parlamento precisa de humanismo e dinamismo. Que o futuro nos traga tribunos de categoria, de garra, onde a educação e a cultura sejam um facto. Que os "cães de fila" jamais pertençam a uma Assembleia da Nação.

Seria prestigiante para as populações que os líderes não se embriagassem com o *faz-de-conta* ou com o *parece-mas-não-é*.

Um verdadeiro líder não receia os *quase*, os sofistas, os instalados, os intolerantes. Procurará a justiça, a dignidade, a melhoria.

Os medrosos ficaram a choramingar: *abriu-se um precedente!*

E que dirão os *sábios*, os egoístas e os políticos de caserna?

Não sei.

Responda o leitor.

(Novembro de 2000)

MODAS

Num café da Cidade, ouvi, há dias, uma universitária dizer ao tio:
— O tio não percebe nada de *moda*. Ando com este enfeite nas calças, porque é *moda*.

Resposta imediata do tio:

— Mas, afinal, que entendes por *moda*? Define o termo.

Andou para trás, para a frente, tergiversou... e não conseguiu dizer o que é *moda*.

— Como não sabes o que é a *moda* — concluiu o tio —, dou-te um conselho: estuda e depois aparece.

Moda provém do latim *modum* (substantivo masculino), que originou *mode*, em Francês, e em Português, *moda* (substantivo feminino), *maneira*, *costume*, *forma passageira* e *facilmente notável de se comportar e sobretudo de se vestir ou pentear*.

E por falar em *modas*. Vivemos em época de lindas e fúteis *modas*. Há a *moda* do excelso. Há a *moda* do banal.

Há também as *modas* da coragem, da dignidade, da bondade. São raras.

Mas as *modas* que mais campeiam no mundo são as contrárias.

A maioria termina em *ade*: frivolidade, mediocridade, banalidade, vaidade, brutidade, incivilidade, falsidade, fealdade, gravidade, nulidade, ruindade, vanidade, veleidade, atrocidade, inanidade, iniquidade, leviandade, vulgaridade, irresponsabilidade, irascibilidade, ilegitimidade, ociosidade...

Deixemos as piores, as terríficas. Fiquemos pelas medíocres. Só algumas.

Ainda há crianças das periferias industriais do Vale do Ave que não têm tempo para o sonho - concluiu, recentemente, um estudo da Universidade do Minho.

Ainda há pais e educadores que não apreciam, nem sabem dar a

virtude do bom humor.

Ainda há a moda do *ter*, em detrimento do *ser*.

E que dizer da *moda* do antiamor e da antiamicizade? E da antieducação? E da antiética? E da antiprivacidade? E da ignorância? E da arrogância? E da anticidadania? E do exagero?

Mas que *modas*, nos tempos em que nos foi dado viver.

Acontece a moda do frágil *big brother*!

Acontece a moda de ser chique a mulher fumar! E nem o recinto fechado a impede! E nem a gravidez a demove!

Acontece a moda de as meninas dizerem palavrões. Não é utopia. Algumas tão lindas a vomitarem palavras tão feias!

Acontece a moda de os papás mandarem os filhos para a escola, munidos de telemóveis.

Acontece a moda de, neste país, pouca gente saber bem a Língua Portuguesa. E andam os sábios e as sábias do Reino a querer que, em 2002, os nossos alunos estudem duas línguas estrangeiras, a partir do 7º ano!

E que dizer da moda da corrupção?

Quem gostará da moda dos ministros que, enquanto ministros, têm ou subscrevem acções da bolsa?

(Novembro de 2000)

CONDUÇÃO: A LEI E OS EQUÍVOCOS

Começo a ficar perplexo com algumas decisões dos grandes responsáveis deste País.

E mais admirado fico, por pensar que essas deliberações provêm de gente que ganha muito bem, que fica cara à Nação.

Vou, por hoje, deter-me sobre uma das últimas medidas de prevenção aos acidentes.

Refiro-me, exactamente, à punição ao condutor que seja encontrado com uma taxa de álcool no sangue superior a 0,2 gramas por litro.

Pelo que vi nos *periódicos*, a grande maioria do pessoal reagiu, de forma satisfatória.

No entanto, coloco enormes reticências. Duvido se esta e outras medidas governativas, nesta matéria, trarão os efeitos almejados.

Porquê?

A partir de agora, teremos a caça à *multa*. Não creio que, em alguns casos, *soprar o balão* seja por causa da melhoria de condução nas estradas.

Admiro-me como um Governo de *diálogo*, de *paixão* pela educação (e não sei que mais), aprova um pacote de dez medidas punitivas e repressivas!

Como é possível um Governo legislar, proibitivamente, e não trazer uma única medida de benefício a quem anda na estrada?!

Por que será que o Governo é, exageradamente, implacável para os seus governados, se, durante meses, abandonou o seu dever: não cuidou das estrelas cheias de buracos, nem das sinalizações desadequadas, nem quis saber da iluminação nula ou deficiente em vias fáceis para o despiste?!...

Reprimir é fácil. Os frágeis resolvem, assim, o difícil. Mas, convençam-se, meus Senhores, de que, em tudo na vida, a repressão não costuma levar a lado algum positivo.

Falta-nos pedagogia, para andar na estrada. É importante a educação provinda dos progenitores e de outros responsáveis. Todos os professores poderão ser altamente benéficos para os futuros utentes das nossas vias.

Mas, meus Amigos... o grande *mas* é o que os exames de condução são autênticas charadas. As cartas de condução são obtidas com uma facilidade impressionante!

A avaliar pelo que li nos jornais, muitos Portugueses gostaram das medidas punitivas do Governo!

O pior será quando, por exemplo, um cidadão lusitano, digno, honrado e sempre cumpridor do código, for apanhado na única (e pequena) *transgressão* da sua vida!

(Abril de 2001)

TOLERÂNCIA ZERO

O substantivo feminino *tolerância* significa *qualidade do que tolera ou suporta*; é a *condescendência* ou *indulgência*.

Qualidade é algo de bom, de nobre, de distinto. Segundo o dicionário, *qualidade* é aquilo que caracteriza uma pessoa ou coisa e que a distingue das outras; é a aptidão, a disposição moral, o tributo, a posição social.

Complacência e *transigência* são sinónimos de *condescendência*.

A *indulgência* tem esta semântica: *clemência, condescendência, tolerância, perdão, remissão das penas relativas aos pecados*.

A *tolerância*, até na Medicina, é a aptidão para suportar.

O verbo transitivo *tolerar* significa *permitir, desculpar, suportar*.

Zero (substantivo masculino) é o algarismo que por si só não tem valor algum. Colocado, porém, à direita de um algarismo significativo, aumenta dez vezes o seu valor.

A expressão *tolerância zero* é uma antítese: contraposição de ideias.

Pertence à linguagem conotativa: não tem sentido primeiro, objectivo, dicionarizado. Deve usar-se apenas na poesia, na linguagem inspirada e ardente do sentimento e da fantasia.

A linguagem informativa, jornalística, não pode ter subjectividade: a realidade encontra-se fora do nosso espírito. É a linguagem dos factos.

Tolerância zero, como expressão denotativa, é um contra-senso. Está longe do que deve ser uma norma clara, uma lei para os cidadãos cumprirem e, em tribunal, passível de sanção.

Se há *tolerância* não pode ser do nada, da falta de *condescendência*! Se há *zero*, há o *nada*. Não se pode falar em *indulgência*! Por outro lado, o vocábulo *zero* à direita de *tolerância* não vai aumentar (dez vezes!) a *tolerância*!

Imaginemos, agora, que os pais ou as escolas começavam a falar em *condescendência zero*!

Seria cruel a mãe não deixar o filho almoçar, só por chegar atrasado um ou dois minutos!

Seria desumano reprovar o aluno que obtém 9,4 valores e precisaria de 9,5!

Seria aviltante um corte de relações com um amigo, só por uma banalidade, só por um qualquer *fanatismo* de uma *amizade zero* (?!), *tolerância zero*!

E que dizer da hipótese de um eclesiástico pregar a *indulgência zero*?!

Tolerância zero: cheira à pena de Talião: «olho por olho, dente por dente».

Num País democrático e de fortes sentimentos cristãos, a citada expressão não cairá bem aos utentes rodoviários. Nem a ninguém!

Tolerância zero: para Portugal, não, obrigado!

Parece uma expressão infeliz. Em apelos normativos, em informações de regras jurídicas, evite-se a subjectividade, o sentido figurado, o sentido segundo.

Como é, Senhores Governantes?

A Língua Portuguesa não é a nossa Pátria?

Arranjem bons Técnicos de Português para os vossos ministérios.

Não deixem, à deriva, a nossa querida Língua.

(Maio de 2001)

PEÕES

Desconheço se os meus raros leitores sabem: os peões têm direitos, deveres e, como os automobilistas, estão sujeitos a multas, quando infringem a lei.

O grande problema de muitos peões centra-se no atravessar das "zebras", as passadeiras.

Apesar de o cumprimento do código da estrada ser para os indivíduos que andam a pé, os nossos governantes e forças de segurança têm *esquecido* estes utentes das nossas vias.

Mesmo sem escola e sem exame, os peões necessitam de observar as normas do código da estrada.

O peão (como o automobilista) precisa de uma boa dose de educação e de civismo. E um pedacinho de inteligência.

Para não falar sem conhecimento prático, dei-me ao cuidado de, em lugares e tempos diferentes, "vigiar" a "condução" de vários peões, ao atravessarem a passadeira.

E o resultado foi este:

— Uns, parece, não têm sequer a noção de uma única regra de trânsito.

— Outros, egoisticamente, ao chegarem à "zebra" atravessaram-na, imediatamente, mesmo que o veículo esteja quase em cima da passadeira.

— Outros, ainda, depois de obrigarem o automobilista a uma travagem brusca, passam de um lado para outro da faixa de rodagem, lentamente, pertulantemente.

— Muitos cumpriam as regras.

É importante que o peão tenha o máximo cuidado, quando atravessa a estrada, na passadeira.

Deve, antes, certificar-se da distância que o separa dos carros, de um lado e de outro, bem como das suas velocidades.

Se o peão, levianamente, não segue estas normas, sujeita-se à sanção de uma coima, entre os mil e os cinco mil escudos.

Parar na faixa de rodagem, ou atravessá-la lentamente *, ou ainda utilizar os passeios para perturbar o trânsito, segundo o código, são transgressões puníveis com multa até cinco mil escudos.

Umás vezes, o automobilista ouve umas vaias... e até as merece.

Outras vezes, os apupos são injustos, porque há muitos peões a "*pensarem*" apenas em direitos, e não obrigações.

Sejamos claros: o código da estrada também tem de ser cumprido pelos peões.

* Como é lógico, há excepções para deficientes e idosos.

(Abril de 2001)

A IGREJA E O ESTADO

O território português também deve pertencer à Igreja Católica, Lutou para isso.

Esta Instituição jamais esteve ligada ao nosso País, por decreto ou por qualquer aprovação em Cortes ou Assembleia Constituinte.

A presença da Igreja, em Portugal, é uma constante, desde as origens da nacionalidade.

Na ocupação do solo lusitano, a Igreja teve a sua actuação altamente benéfica.

Nas descobertas, ao lado dos nautas, estiveram os missionários. A colonização fez-se, com muito esforço e suor, sobretudo por homens da Igreja. As terras da América, África e Ásia atestam que, entre os Portugueses imortais, se encontram os beligerantes e os anunciadores do Evangelho.

Sabemos que a Igreja, entre gente remota, construiu escolas e hospitais. Levou a pedagogia, o ensino, a saúde, o bem-estar, a alegria, a dignidade, a educação a tantos povos famintos!

Todos os Barcelenses conhecem o que foi, mais tarde, em terras de Além-mar, a actividade apostólica multifacetada do grande Missionário, António Barroso.

Sem a acção da Igreja, meio século atrás, a cultura portuguesa caberia em espaço pouco dilatado.

Relembre-se o ensino, por exemplo.

Quem poderia estudar? Quem tinha posses para pagar os estudos dos filhos? Onde havia liceus ou escolas secundárias? E universidades?

Nem toda a gente nasceu na abundância ou em locais propícios para o estudo.

Naturalmente, os filhos dos pobres, os filhos do povo, passaram pelos seminários. Durante longos anos, a Igreja prestou relevantes serviços a Portugal.

O grande Almeida Garrett, no séc. XIX, e os categorizados Miguel Torga e Virgílio Ferreira, no séc. XX, para não falar de outros, começaram a sua formação nos seminários.

Mas...

... Vão surgindo, no nosso *areópago*, uns tantos iluminados a defenderem uma Igreja sem influência privilegiada.

Eles não conhecem a História. Nem imaginam que esta Instituição está em todo o Portugal, mesmo nos lugarejos mais recônditos, onde o Estado nunca chegou.

Eles não compreendem a semântica do vocábulo *Igreja*.

Eles precisam de perceber a realidade portuguesa.

Eles deveriam estudar e analisar a Epopeia da nossa Nação: "Os Lusíadas".

Eles não raciocinam que a Igreja não pode perder os direitos que foi conquistando, desde o início da nacionalidade.

E comparar a realidade lusa com outras europeias é demasiado simplista e redutor.

Entendem?!

TESTAMENTO

Um poema de sol e luar
Marcarei no granito da Terra:
Será lido por ventos salgados,
Por silêncios de paz e de guerra!...

Confiarão nesse texto de amor
Avezinhas que vivem na aldeia;
As treze árvores gémeas do belo
E a verdade da História, a epopeia.

Esta herança, que deixo no fogo
Da paixão, do pomar e da rota,
Há-de ser a ternura da tarde,
O cansaço real da derrota...

PERFIL

Horizontalaram ontem meu perfil,
Em palavras lavradas de ternura.
A amizade, a alegria, o bom humor
Foram associados da aventura.

Num regalo de sol e maravilha,
Os onze atapetaram de pomar
Os caminhos do meu estro e honradez,
A alvinitência certa do luar.

Falaram de façanhas, de humildade,
De um claro abecedário sem granizo:
Fluiu a juventude, a gratidão —
— Seis horas de um didático sorriso!

A SIMPLES PALAVRA

Dei-a
Com o fruto da colmeia
Aos do nascente
E poente.

Ofereci-a,
Sem o fel da arrelia,
Ao sol brando da tarde,
À tempestade.

Queria
Ver e ouvir,
Algum dia,
O verso da gratidão,
A palavra mansa,
Simple e pura
De bonança...

Queria
Sentir,
Um dia,
A ternura
E a ventura
Da palavra — encantamento:
O são reconhecimento...

ÍNDICE

Pórtico	07
Autenticidade	08
Verso Escondido	09
Desejo	10
Espera	11
Visão	12
Seiva	13
Arte	14
Ternura	15
Dissonância	16
Lamento	17
O Dia	19
Eco	20
Regresso	21
Miradouro	22
Sorriso	24
Poema precisa-se	26
Sempre Activo	27
Alvorada	28
Actividade	29
Intrepidez	30
Mistério	31
Miniatura	32

Pedagogia	33
A Mãe da Minha Terra	34
S. Francisco de Assis	36
Santo António	37
S. João Baptista	38
Jesus em 1999	39
Fátima	40
Camões	42
Paulino	43
Carlos	45
Justino	46
Lírios de Timor	47
Paixão	48
Aula Primeira	50
Padre Rosa	51
Duarte	52
Mãe	53
O Egoísta	54
O Vaidoso	55
O Avarento	56
Boicinga	57
Longe da Amizade	58
Opção	59

Porvir	60
Hei-de deixar	61
O Latim na Assembleia	62
Latim	63
Luis Vaz oferece a epopeia ao Monarca Português	64
Descobridores	66
O Secretário de Estado	67
Fernando Simões	68
Que Ministério é este?	69
Pais sem tempo	70
Pontapés	71
Inumano	72
Daniel e deputado escrevem-se com Dê maiúsculo	75
Modas	77
Condução: a Lei e os equívocos	79
Tolerância Zero	81
Peões	83
A Igreja e o Estado	85
Testamento	87
Perfil	88
A Simples Palavra	89



A Câmara Municipal
de Barcelos

APOIA A CULTURA

IDOBAR

Equipamentos de Escritório

em busca da perfeição

Barcelos

**Fundador das
revistas**

Farol

Escola Secundária de
Monserrate, Viana do
Castelo (1979)

Amanhecer

Escola Secundária de
Barcelos (1983)

Avenida do Minho

Escola Secundária Alcaides
Faria, Barcelos (1989)

Diferença

Escola de Tecnologia e
Gestão, Barcelos (1992)

Olhares

Centro de Formação de
Escolas do Concelho de
Barcelos (1996)

Autor dos livros

Questões de Português
(1994)

Flamas

(poemas) (1994)

BIOGRAFIA

Os remendos que eu vivi,
No oriente da existência,
São os versos de rubi
Deste poema em regência...

in FLAMAS

biblioteca
municipal
barcelos



38174

Perfis 1